

AS FEIRAS LIVRES COMO CENÁRIO E PALCO DOS EPISÓDIOS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES¹

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo²

Objetivamos com o presente trabalho apresentar as origens das feiras livres nordestinas, localizadas nas cidades de Campina Grande-PB e de Caruaru-PE como episódios que se confundem com o surgimento das respectivas cidades, bem como contribuindo para o desenvolvimento destas. Antes, porém, achamos necessário historicizar o surgimento do comércio na antiguidade e das feiras no medievo, demonstrando seu desenvolvimento enquanto instituição oriunda do período medieval responsável muitas vezes pelo surgimento e desenvolvimento das cidades.

Nesse sentido inicialmente iremos abordar a feira como a idéia de comércio na antiguidade pelo fato do conceito de feira só ser empregado a partir do século XV, mas a atividade comercial envolvendo relações de trocas é bastante antiga e foi verificada nas aldeias e cidades desse período onde as pessoas levavam suas mercadorias. O templo, por exemplo, não era uma área puramente religiosa servia também como “propriedade de comércio”, onde os bens eram remanufaturados³ basta lembrarmos a passagem bíblica⁴ quando Jesus expulsa os mercadores do templo.

Gordon Childe descreve em seu texto⁵ “A Revolução Urbana” que nas cidades teocráticas como as do Egito e da Suméria os Deuses foram os “primeiros capitalistas”, devido ao uso dos templos para fins comerciais a exemplo dos Zigurates. Mas essas grandes civilizações só desenvolveram o conhecimento técnico – científico. Devido ao impulso proporcionado pelo comércio. Na mesopotâmia, no Egito e no vale do Indo como não existiam matérias primas para se construir às primeiras cidades foi

1. Parte integrante da tese de Doutorado intitulada: Continuidade e mudança no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1985-2007), (em elaboração), orientada pelos professores doutores: Margarida Durães e Jean Rabot (Universidade do Minho-Portugal), e Lígia Belinni (UFBA-Universidade Federal da Bahia)

2. A autora é doutoranda em História pela Universidade do Minho, em Portugal, em regime de co-tutela com a UFBA (Universidade Federal da Bahia)

3. Ver MUAFFORD, Lewis. Tradução Neil da Silva. Rio, Estrada e Mercado. In: A cidade na história suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

4. Ver passagem bíblica

5. Ver CHILDE, Gordon. A revolução Urbana na Mesopotâmia. In: Modos de produção na antiguidade, Org. Jaime Pisky, São Paulo, Global, 1988

necessário buscá-las em outras regiões. Povos tiveram de desenvolver o comércio ou troca para garantir o abastecimento de matérias primas. Sem o intercâmbio de produtos e matéria primas não haveria possibilidade para a sua organização e a construção das cidades, uma vez que toda região era semi-árida.

Como todos nós sabemos a cultura ocidental, sofreu influencia do antigo oriente não apenas no que se refere ao imaginário ou símbolos, mas de questões ligadas ao comércio que se impôs na antiguidade por volta de 3000 a.C. como um fenômeno ligado à própria organização dos indivíduos para viver em sociedade. Os conceitos de classificação, ordenação, operação, procedimento eficaz e previsão são conceitos das próprias práticas comerciais existentes nas feiras. O fato é que como agora e nos demais períodos históricos as comunidades antigas faziam a utilização planejada e racional de recursos materiais, intelectuais ou pessoais como meio de aquisição do lucro. Inicialmente se tinha a preocupação com a subsistência e posteriormente por meio de uma economia ainda primitiva através das trocas comerciais buscar a lucratividade necessária para a acumulação de bens.

Nesse sentido tal comércio, muitas vezes originou as cidades, sendo também responsáveis pelo desenvolvimento delas, “Então, a feira, como “mercado de troca existia desde os tempos remotos e as primeiras cidades foram, entre outras coisas, os locais onde essa atividade estava provavelmente concentrada” (HARVEY, 1981, p. 207)

Entretanto, as feiras como instituições só surgem mesmo na Idade Média, diante das corporações e da expansão do comércio em função da expansão dos excedentes agrícolas de uma economia de caráter feudal. Antes disso percebe-se que a economia feudal tinha um caráter essencialmente agrícola e intra-feudo, pouco desenvolvimento das relações comerciais com pouca utilização de capital. Neste sentido, reconhecesse o fato de existir uma economia de consumo que produzia e necessitava-consumia seus produtos, sendo, portanto, auto-suficiente⁶. Entretanto, diante da troca de produtos que emergiu no desenvolvimento das forças produtivas⁷ com o renascimento comercial tem as feiras como locais que favorecem o desenvolvimento desse comércio nas cidades uma vez que não haviam meios de transporte desenvolvidos nem tão pouco procura muito acentuada e constante por

6.HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

7.PINTAUDI, Silvana Maria. O lugar do supermercado na cidade capitalista. Geografia, Rio Claro, v. 9, n.17/18, p. 38-39, out. 1984.

mercadorias em comércios permanentes, assim, a realização de feiras periódicas, realizadas uma ou duas vezes por semana era um instrumento de vida local e se constituiu numa forma de estabelecer um comércio de caráter fixo⁸. Esses mercados periódicos, nominada mente chamado de feiras foram, portanto as primeiras instituições mercantis a desenvolver-se no rastro do renascimento comercial, ou seja, “as primeiras cidades mercantis resultaram da transformação do caráter destas aglomerações medievais, inicialmente sem funções urbanas⁹”

Notadamente essas feiras não surgiram exclusivamente no Ocidente Europeu, elas também se apresentaram e até hoje se fazem presentes no Oriente, no Extremo Oriente, seja devido ao clima que sempre fora propício aos encontros, seja em função dos aspectos ligados a religiosidade.¹⁰ como é o caso das feiras realizadas no Marrocos e na região do Magreb, onde elas se instalavam próximo aos locais santos e de peregrinações, vê-se também registros das feiras mais ativas em terras islâmicas, as que se localizam no Egito, Arábia e Síria¹¹. Já em relação a algumas regiões da África e na Indonésia a questão comercial, como sistema econômico tradicional foi anterior a chegada dos colonizadores europeus¹², sendo inclusive as comunidades tribais classificadas a partir de três tipos de sistemas econômicos: as sociedades sem mercado, as sociedades com mercados periféricos e as sociedades com princípio de mercado¹³ Na África, as sociedades tiveram tradições econômicas mais complexas, com uso de moedas, caravanas comerciais, e feiras e mercados permanentes ou temporários, já na

América, as feiras e os mercados não se apresentam de igual forma na sua origem, no México, por exemplo, as feiras se fazem presentes desde antes da colonização, os astecas possuíam mercados, onde reuniam milhares de pessoas, já no caso do Brasil que não possuía praça de mercado e passa a tê-lo copiando¹⁴ o modelo

8. Ib dem HUBERMAN, 1979

9.SPÓSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e urbanização. São Paulo: Contexto, 2001, p. 31.

10. BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v. 2.

11. Ib dem Braudel

12.MOTT, Luiz Roberto de Barros A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975. Pág. 286 Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.

13- Ib dem Mott, 1975

14.MOTT, Luiz. Feira e Mercados: Pistas para Pesquisa de Campo. In: Reeducando o olhar, estudos sobre feiras e mercados. Sérgio Ferretti (org). São Luís: Edições UFMA/PROIN-CS, 2000: 21.

das feiras européias, especificamente as portuguesas em época medieval. É sabido que a metrópole portuguesa teve sua primeira feira em 1125¹⁵, inicialmente como feiras de gado, de lãs e de couros¹⁶, e posteriormente a cultura de cereais e demais géneros alimentícios.

No caso específico do Brasil, as feiras tiveram sua origem como foi dito anteriormente por intermédio do colonizador português, uma vez que os nativos estavam acostumados a uma cultura de subsistência e não de acumulação gerada pelos excedentes, não há, portanto nenhum registro de transações comerciais antes da chegada dos europeus. Entretanto há sim registro de “troca silenciosa” efetivada entre as aldeias¹⁷

“Num terreno descampado, inimigos mortais estabeleciam uma rudimentar ‘paz de mercado’-de um lado ficavam os Tupinambás, e do outro os Tupiniquins. Intercambiavam apenas dois produtos altamente valorizados e especialidades de cada grupo: os primeiros ofereciam quantidades de penas coloridas, enquanto os outros traziam pedras de cores. Utilizadas para fazer enfeites faciais. Os Tupinambás, colocavam seus produtos no meio do descampado, e se retiravam. Vinham os Tupiniquins, levavam as penas e deixavam as pedras semi-preciosas. Em seguida era a vez dos Tupinambás que recolhiam os bens deixados pela tribo inimiga. Cada grupo levava o produto trazido pelo outro grupo, sem qualquer comunicação intergrupar, e mal se distanciavam do local, interrompia-se a trégua, reiniciando as hostilidades.”

Com a presença dos portugueses, essa “troca silenciosa” e produtos apenas para enfeites pessoais passa a ser substituído pela troca entre mercadorias, conhecida como escambo, as primeiras trocas comerciais efectivamente, como é o caso por

15.Referência a feira de Ponte de Lima por Virgínia Raú em Feiras portuguesas do século XII e exploração de ferro em Rio maior no século XIII. In: Revista portuguesa de História, Tomo III. Coimbra/1945, p. 196.

16.Ver DUBY, Georges. Economia Rural e Vida no Campo no Ocidente Medieval , vol I, São Paulo: Edições setenta .p. 175

17.MOTT, Luiz. Feira e mercados:pistas para pesquisa de campo. In: Reeducando o olhar: Estudos Sobre Feiras e Mercados. Sérgio Ferretti (org). Edições UFMA-PROIN-CS: São Luís-MA, 2000, p. 21

exemplo do pau-brasil, por parte dos indígenas ainda com interesse de adornos especiais para enfeites e produtos até então desconhecidos para eles, como é o caso dos canivetes, e facas¹⁸. Por outro lado os colonizadores trocavam esses produtos com os índios por animais inicialmente, depois pau-brasil e a metrópole comercializava pelos países da Europa.

A primeira feira realizada no Brasil, é datada de 1548, quando o Rei português, Dom João III ordenou ao Governador Geral a realização de uma feira a cada dia, é o que afirma MOTT¹⁹: “que nas ditas vilas e povoações (da Bahia) se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira [...]” Apesar desse regimento, somente em 1588 é que as feiras foram implantadas nas povoações para os moradores, gentios pudessem se abastecer. Curioso é que mesmo com o ordenamento do rei, não existe nenhum registro de feiras nos documentos oficiais da colônia e também nos relatos de cronistas e viajantes da época durante todo o século XVI e XVII na Bahia²⁰. Provavelmente segundo Mott, as feiras tenham surgido no Brasil efetivamente quando de um maior desenvolvimento demográfico e da diversidade econômica da colônia.

Nesse sentido percebe-se que o comércio no Brasil colonial em sua primeira fase, até praticamente o século XVIII se deu em torno dos engenhos, e nos armazéns das cidades e vilas, os portos, e também por intermédio dos mascates²¹ que circulavam com as mercadorias da vila aos interiores. além dos portos. Uma problemática que se formava nas cidades dizia respeito à escassez de gêneros alimentícios para o abastecimento da população, pois, toda a mão-de-obra que deveria estar ligada à produção de alimentos via-se presa à produção açucareira “cuja exportação deixava grande margem de lucros, e ninguém dará importância aos gêneros alimentares”²² Cronistas registraram e Mott cita em seu trabalho que ao final no século XVI, existia na capital do Brasil colonial, diversas formas de comércio, sendo os mais comuns as lojas, vendas, tavernas, estalagens, açougues, quitandas, dentre outros. Por volta de 1587, que estar possivelmente à primeira referência a uma feira realizada na capital da Colônia

18. PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990:25

19. Idem MOTT, 1975, p. 310

20. Idem ibidem MOTT, P. 311

21.- Ambulantes da época, que comercializavam seus produtos levando a mercadoria até o comprador.

22- Op cit Prado Jr, 1975:43

segundo o relato, citado por Mott, desse cronista²³ “tudo vêm vender à praça desta cidade: muitos mantimentos, frutas, hortaliças, do que se remedia toda a gente, da cidade”.

Houve, portanto no Brasil colonial, sobretudo no século XVIII duas maneiras de comércio distintas, uma exercida pelo comércio estabelecido dos mercadores responsável pelas vendas dos artigos finos e de luxo, caros e nobres e, trazidos da metrópole, e a outra maneira tratava-se do comércio ao ar livre com a venda de produtos provenientes da terra, produzidos pelos agricultores, lavradores, bem como os criadores a exemplo da pecuária, já que o gado bovino era fortemente atração para o comércio. Contudo, na feira se vendia prioritariamente gado bovino e a farinha, é o caso das feiras realizadas no sítio Capoame, na Bahia. a da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha, na capitania de Pernambuco; entre outras pelo que hoje conhecemos como nordeste. No Brasil colonial, viu-se a atividade da pecuária como grande responsável pela conquista e exploração das regiões Agreste e Sertão, e a cana-de-açúcar na região do Litoral e Zona da Mata. Conforme afirma Andrade²⁴ “a criação de gado foi desde os primeiros tempos uma atividade econômica subsidiária da cana-de-açúcar”. No entanto, em que pese à importância que a cana possuiu como atividade destinada ao abastecimento do mercado externo, autores como Souza²⁵ destacam que a criação de animais a pecuária, se constituiu no principal factor de civilização, de expansão geográfica, de posse efetiva das terras.

No caso do Nordeste brasileiro, foi ela (a feira) quem deu início a ocupação, fazendo surgir muitas das cidades existentes atualmente e criou uma das formas de comércio mais tradicionais e ainda hoje presentes na região, a feira, é o caso das feiras de Caruaru-PE e de Campina Grande-PB, que deram origem as cidades.

23. Ib dem Mott: 1975, p. 312

24. Ver ANDRADE, Manoel Correia de. A terra e o homem no Nordeste. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005:151

25. SOUZA, Elza Coelho. Feira de gado. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tipos e aspectos do Brasil. 10. ed. rev. e atual.. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975.

Contudo, queremos nesse primeiro momento destacar o facto de que as cidades tendo sido originadas a partir do surgimento das feiras, que desenvolveram as primeiras aglomerações populacionais e mercantis, de aldeias, povoados, vilas e posteriormente cidades, como é o caso das citadas em parágrafo anterior e outras localizadas no nordeste do Brasil, ou mesmo as feiras sendo responsáveis não pela origem das cidades, mas pelo desenvolvimento delas, como é o caso das feiras do norte de Portugal e da Espanha, é consenso que a relação estabelecida entre campo e cidade, favoreceu o desenvolvimento das práticas mercantis a partir do abastecimento e circulação de mercadorias vindas do campo e distribuídas nas cidades, nominada mente em locais próprios de troca comercial, ou por assim dizer nas feiras. Logo as feiras tradicionais tiveram no passado uma importância fundamental para o surgimento e desenvolvimento de muitas cidades, fazendo estabelecer-se como elo de ligação entre o campo e a cidade. Acrescentamos ainda a idéia de que tal cidade não se constitui em um aglomeramento urbano isolado assumindo relação de reciprocidade somente com o campo, mas, sobretudo com outras cidades, se constituindo em uma teia de relações econômicas, culturais, sociais e por que não dizer políticas, uma vez que muitas dos modelos governamentais e legislações existentes são baseadas na alteridade estabelecida no diálogo evidenciado no convívio entre os sujeitos de realidades semelhantes ou diversas.

Queremos dizer, portanto que, as cidades em si nunca foram únicas, isoladas e independentes, e os mercados e as feiras se responsabilizaram sempre em promover essa relação estabelecida entre os lugares e as regiões, seja por meio da circulação de mercadorias diversas, seja pelo trânsito estabelecido entre os sujeitos, e, portanto de todas as características culturais introjectadas nestes, seja pelas infra-estrutura de comunicação dos lugares, a exemplo das estradas e bem mais tarde dos veículos de imprensa, seja pelos códigos de postura e conduta utilizados pelos poderes governamentais que muitas vezes foram utilizados de modelo para outras realidades. É o que diz o historiador da revista dos Anales e na altura membro da Academia Francesa Fernand Braudel, em sua obra *Civilização material, Economia e Capitalismo, séculos XV-XVIII*, “(...) Nunca uma cidade se apresenta sem o acompanhamento de outras cidades. Umas senhoras, outras servas ou mesmo escravas, estão ligadas, formam uma

hierarquia, na Europa, na China ou em qualquer lado.²⁶ Braudel afirma ainda que no século XV não havia cidade sem mercado, por outro lado não há também mercados regionais ou nacionais sem cidades. Com isso o historiador da cultura material²⁷ não queria dizer que as cidades são todas iguais, ou até mesmo parecidas, guardando as suas especificidades múltiplas, considerando as diferenças, entretanto quis ressaltar que apesar das diferenças, todas falam a mesma língua no sentido do diálogo ininterrupto com o campo, necessidade primordial da vida quotidiana.

Não obstante desse episódio de formação desses mercados e posteriormente das cidades é que se enquadram as cidades brasileiras escolhidas para serem investigadas, exceto Salvador que tem caracterização de formação diferenciada dada a sua importância enquanto sede do governo Português. As outras duas cidades Caruaru-PE e em especial Campina Grande-PB surgem a partir da sua localização geográfica e da sua importância mercantil diante das feiras de gado e de farinha.

Campina Grande-PB, situada numa região propícia a cultura de mandioca, do milho e de outros cereais. No século XVII foram se edificando as primeiras casas de taipa e em breve surgiu à primeira rua denominada rua das barrocas: Em função da agricultura, da mandioca, de ser pouso obrigatório dos boiadeiros e tropeiros, diante do seu posicionamento geográfico, situada nas bordas orientais do Planalto da Borborema, entreposto comercial para aqueles que atravessavam o rio São Francisco pelo interior, e para aqueles que iam do litoral para o interior e do Sertão para a costa. Em 1826 a cidade crescia em direção ao Sertão, a cada dia que se passava Campina Grande ia se afirmando como cidade-mercado, com influência em todo o interior nordestino, ao mesmo tempo em que se tornava porta oriental do sertão da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. No início do século XIX a feira de gado tornou-se a mais importante

26. Relação entre as cidades concebida por Fernand Braudel, no capítulo 8, As Cidades, do tomo 1 As Estruturas do Quotidiano: o possível e o impossível, traduzida por Telma Costa e publicada em Portugal pela Editorial Teorema em

27. Na condição de historiador da cultura material Braudel percebeu as diferenças e desigualdades existentes nessas sociedades, provavelmente destacando as questões de natureza econômica, privilegiando as características que fomentam a comparação por meio da técnica, dos meios, matéria-prima, máquinas, moedas, ou seja, os instrumentos de produção, utilizando uma categoria marxista. Nesse sentido, quando se refere à relação estabelecida entre campo e cidade necessariamente percebe os elos de ligação entre esses dois lugares provenientes do material.

do interior nordestino²⁸, a de cereais encontrava concorrência com as feiras de Areia (que atraía os tropeiros do Seridó e Curimataú), Icó (no Ceará, que desviava a parte dos tropeiros do Sertão Paraibano), Limoeiro e Timabauba de Mocós em Pernambuco. Em 1907, com o advento da estrada de ferro ganha novo impulso, supera as feiras concorrentes, ampliando suas atividades comerciais para todo o interior nordestino. Em 1936, a feira de algodão em Campina Grande era a terceira praça do mundo. Com o passar dos anos na década de 1950, a feira passou a representar no interior nordestino a feira das feiras, como principal fonte de abastecimento das outras²⁹, além de representar lugar de passeio, encontros e desencontros. Nela via-se um intercâmbio de idéias, como ponto de difusão das notícias. Houve uma urbanização em torno da feira, uma vez que vias foram abertas para facilitar a comunicação entre a feira de Campina Grande e as demais feiras da região nordeste.

Notadamente que diante da implantação de novos serviços a feira passou a perder espaço frente a outras vocações que a cidade de Campina Grande passou a ter como o sector educacional, industrial. Entretanto até a década de 1960 a cidade campinense era conhecida regionalmente e nacionalmente como a cidade vocacionada para a atividade comercial³⁰, em que a feira embora não sendo mais o principal centro dessa atividade, exercia ainda um papel simbólico de celebrar a atividade através dela.

Quanto à feira de Caruaru-PE, constatamos que assim como a feira de Campina Grande-PB, é responsável pela formação e desenvolvimento da cidade. Localizada no Agreste Pernambucano, como um caminho que transportava gado entre o sertão e a zona canavieira do litoral, também chamada de ‘Zona da Mata’ em referência ao espaço dantes preenchido pela então exuberante Mata Atlântico, a cidade de Caruaru-PE teve origem no século XVIII em uma fazenda que dava pouso aos tangedores, tropeiros, viajantes e mascates, chamada Caruru, com um rio próximo para dar de beber aos bois, o rio Ipojuca. Tal aglomeração no agreste pernambucano permitiu

28.Ver: ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. C. Grande: livraria Pedrosa, 1964.

29.Ver: PEREIRA, Jr. Francisco. Feira de campina Grande, um museu vivo na cultura popular de folclores nordestino. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.

30. Ver ANDRADE, Maristela Oliveira de Andrade. A feira de Campina, tradição e identidade: uma visão antropológica: João Pessoa, MSC/UFPB, 1994. (caderno de Ciências Sociais, 34).

o surgimento do pequeno comércio de itens e serviços ligados à lida com o gado que deu origem à feira de Caruaru. Esta, contudo, só se configurou plenamente quando José Rodrigues da Cruz, proprietário da fazenda, construiu, em 1781, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição³¹. Foi no seu adro que uma pequena feira se formou para dar sustentação às novas funções que a Fazenda Caruru vinha adquirindo e que, então, com a construção da capela, se ampliavam. De ponto de apoio a boiadeiros e viajantes, a fazenda passou a ser também o lugar para onde os habitantes dessa região do vale do rio Ipojuca acorriam para realizar suas obrigações religiosas, casar, batizar filhos e entregar a Deus o corpo de seus entes queridos depois da morte³². No século XIX a Capela de Nossa Senhora da Conceição e a pequena feira de frutas e verduras, artigos de couro, alimentos e bugigangas diversas, que logo se expandiu e ocupou a primeira rua do povoado que ajudou a formar.

Na medida em que o povoado se dinamizava e crescia, o espaço foi também apropriado pela feira que, por sua vez, se beneficiou de suas dimensões generosas. Nesses dias de comércio ao ar livre, Caruaru não era apenas uma passagem e um ponto de apoio, mas um lugar de convergência das gentes, dos produtos e das artes de um território que, dia a dia, ficava maior.

Ao longo dos séculos XIX e XX, com sua acessibilidade reforçada pela estrada de ferro da Rede Ferroviária do Norte, e mais tarde, pelas rodovias estaduais e federais que a conectaram com várias outras localidades e estados do Nordeste, Caruaru-PE se tornou o pólo comercial mais importante da região. No século XXI, esse pólo manteve sua importância, atraindo produtos de outras regiões do país e até de outras partes do mundo, indispensável de tal maneira que a cidade e feira se confundem ainda na contemporaneidade uma é inconcebível sem a outra.

A feira de Caruaru sempre foi, e ainda é, a grande oportunidade de trabalho, geração de renda e de inclusão no mercado consumidor para um grande contingente populacional, o que lhe conferiu uma capacidade de elevada atração e

31. Ver a respeito das origens da feira e da cidade de Caruaru, Miranda, Gustavo. Caruaru, a feira que se fez cidade... - investigando limites e potenciais de uma relação espacial. (trabalho final de graduação). Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, maio de 2005, p. 23.

32. Ver Ferreira, Josué Euzébio. Ocupação Humana do Agreste Pernambucano – uma abordagem antropológica da história de Caruaru. João Pessoa: Idéia, 2001

ocasionou o seu crescimento desmedido. Com o tempo, cresceram também as pressões para que fosse transferida, já que a área central de Caruaru ficava intransitável nos dias em que ocorria. Instalada durante mais de dois séculos no centro da cidade, a feira foi transferida em 17 de maio de 1992 para o Parque 18 de Maio, área que conta com mais de 3 km e agrega mais de 2500 barracas e bancos oferecendo os mais variados produtos, e é onde está localizada até hoje. Atualmente a feira de Caruaru encontra-se desdobrada em, pelo menos, três outras: a Feira do Gado, há dez anos considerada a maior do Brasil e que está localizada no bairro do Cajá, próximo ao aeroporto; a Feira do Artesanato, como visto, primeiro sector a ser separado e instalado no Parque 18 de Maio; e a chamada “Feira Livre”, também localizada no parque, conforme dito anteriormente que contém todos os demais sectores, os quais, por sua vez, também são denominados de “feiras”. Nesta última encontram-se as tradicionais áreas de venda de frutas e verduras; de raízes e ervas medicinal; de calçados e artigos de couro; de ferragens e artigos de flandres; de fumo; de bolos, gomas e doces e de confecções populares ou “feira de roupas”.

A esses sectores de permanência mais antiga, juntaram-se também as chamadas “feiras” de flores e plantas ornamentais; de artigos de cama, mesa e banho e, apenas aos sábados, a chamada “feira” do Troca-Troca, onde, por meio de escambo, objetos usados são trocados por outras mercadorias. A Feira do Artesanato e a Feira Livre (com exceção desse último setor) funcionam de segunda a sábado. A Feira do Gado ocorre apenas nas terças-feiras, iniciando-se sua instalação na noite anterior.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. C. Grande: livraria Pedrosa, 1964
- ANDRADE, Maristela Oliveira de Andrade. A feira de Campina, tradição e identidade: uma visão antropológica: João Pessoa, MSC/UFPB, 1994.
- ANDRADE, Manoel Correia de. A terra e o homem no Nordeste. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2005
- BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. V.2. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DUBY, Georges. Economia Rural e Vida no Campo no Ocidente Medieval , vol I, São Paulo: Edições setenta .
- FERRETI, Sérgio.(org.). Reeducando o olhar: Estudos Sobre Feiras e Mercados. . Edições UFMA-PROIN-CS: São Luís MA, 2000.
- Ferreira, Josué Euzébio. Ocupação Humana do Agreste Pernambucano – uma abordagem antropológica da história de Caruaru. João Pessoa: Idéia, 2001
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- PISKY, Jaime (org). Modos de produção na antiguidade. São Paulo, Global, 1988
- PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990
- MOTT, Luiz Roberto de Barros A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.
- MUAFORD, Lewis. Tradução Neil da Silva. Rio, A cidade na história suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PEREIRA, Jr. Francisco. Feira de campina Grande, um museu vivo na cultura popular de folclores nordestino. João Pessoa: Ed. Universitária, 1997.
- PINTAUDI, Silvana Maria. O lugar do supermercado na cidade capitalista. Geografia, Rio Claro, v. 9, n.17/18, p. 38-39, out. 1984.
- RAU, Virgínia em Feiras portuguesas do século XII e exploração de ferro em Rio maior no século XIII. In: Revista portuguesa de História, Tomo III. Coimbra/1945
- SOUZA, Elza Coelho. Feira de gado. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tipos e aspectos do Brasil. 10. ed. rev. e atual.. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975.
- SPÓSITO, Maria.Capitalismo e urbanização. São Paulo: Contexto, 2001